



## DAS EXPERIÊNCIAS SOFRIDAS À “MÁGICA PRESENÇA DAS ESTRELAS<sup>1</sup>”: MALALA, ANNE FRANK E FRIDA KAHLO

Débora do Couto Pereira<sup>2</sup>  
Dulce Mari Voss<sup>3</sup>

### Resumo

Esta escrita encontra na Filosofia da Diferença possibilidades para problematizar as concepções binárias de gênero que definem de forma arbitrária e fechada o que é ser homem ou ser mulher. Lança um olhar para as vidas das jovens Malala, Anne Frank e Frida Kahlo operando com o conceito devir-mulher de Deleuze e Guattari com o objetivo de olhar para essas existências singulares que não se fecharam aos padrões normativos que agenciam os modos como jovens mulheres deveriam agir e comportar-se nos seus diferentes territórios existenciais.

**Palavras-chave:** Filosofia da diferença. Devir. Mulheres.

### Intencionalidades

Esta escrita surge do projeto de pesquisa em construção no Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA/Campus Bagé) no qual pretendo investigar processos de subjetivação efetuados por experimentações literárias agenciadas pelas histórias de Malala, Anne Frank e Frida Kahlo. Essas experimentações literárias acontecem na Casa da Menina, uma instituição de acolhimento e proteção para crianças e adolescentes do sexo feminino que se encontram em situação de vulnerabilidade social.


Entendo que Malala, Anne Frank e Frida Kahlo transgridem os padrões culturais vigentes nas sociedades heteronormativas e excludentes em que vivem ou viveram suas histórias, pelos diferentes modos como essas jovens “saltaram” sobre as maldades, crueldades dos seus mundos, foram audaciosas e movidas pelos desejos de viverem outras vidas que não aquelas estabelecidas como “normalidade”.

<sup>1</sup> Faz referência à poesia denominada “Utopia” de Mario Quintana.

<sup>2</sup> Especialista em Educação e Diversidade Cultural, Discente do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino UNIPAMPA/Campus Bagé, d.coutopereira@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Educação, Docente do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino UNIPAMPA/Campus Bagé Unipampa, dulce.voss@gmail.com.





E por que a Casa da Menina? Porque as meninas que transitam pela casa vivem histórias de abandono, de precariedade, de “faltas”, assim como as personagens. Penso que as oficinas literárias possibilitam outras vivências, experimentações estéticas que criam perceptos e afectos<sup>4</sup>, sensações, imaginação, desejos, alegrias, fabricando modos de subjetivação singulares no momento presente em que essas experimentações são vivenciadas sem a pretensão de traçar novos “destinos”, mas simplesmente vivenciar essas experiências. O livro de literatura funciona como dispositivo que aciona desejos pulsantes, a imaginação, devires transgressores em relação à vida das meninas da Casa da Menina.

Inspirada por Deleuze e Guattari (2011), penso a literatura como linha de fuga por sua ação criadora que transgride a leitura de mundo numa lógica moderna e arborescente, ou seja, “[...] este pensamento nunca compreendeu a multiplicidade: ele necessita de uma forte unidade principal [...]” (p. 20), necessita de uma raiz, de ter apenas um meio por onde passar os nutrientes para seus galhos (caule). Tal posicionamento constitui “totalizações, unificações” (p. 10), padronização da linguagem, por isso, proponho aqui, pensar de outro modo, [...] por “processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades” (p. 10), pois estas “são próprias da realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito” (p. 10), porque o “pensamento não é arborescente e o cérebro não é uma matéria enraizada nem ramificada” (p. 34).

Neste texto pretendo lançar um olhar sobre as histórias de Malala, Anne Frank e Frida Kahlo, e pensar essas existências como processos de subjetivação que produzem singularidades transgressoras do padrão cultural e social heteronormativo e excludente que destrói qualquer plano de imanência no governo da própria vida.

Não me deterei em significá-las, dissecá-las, compreendê-las, nem a elas, muito menos suas histórias; mas contemplá-las, percebê-las, vivê-las como devir-mulher, portanto, fluxos, linhas de fuga que desterritorializam os tempos e espaços sociais e culturais que habitam.

### **Por que devir?**

#### *DO GIGANTISMO*

*Olha o que aconteceu com os Grandes Impérios!*

*Por eles se vê que a mania de grandeza é sempre fatal.*

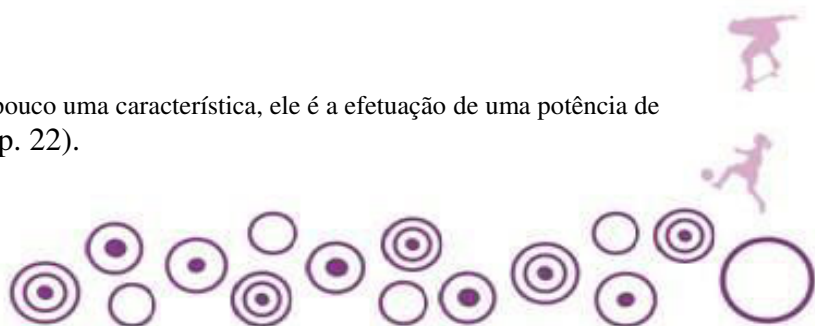
*E espia só os iguanodontes, esses pesadelos ridículos...*


*Se fossem do tamanho de lagartixas, existiriam até hoje.*

(Mario Quintana)

---

<sup>4</sup> Pois o afecto não é um sentimento pessoal, tampouco uma característica, ele é a efetuação de uma potência de matilha. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 22).





Nas sociedades ocidentais marcadas pela ordem capitalista e pela moral cristã segmentam-se binariamente os indivíduos em melhores ou piores, os mais fortes e os mais fracos, entre iguanodontes e lagartixas, enfim, uma odisseia seletiva em busca do poder, seja este na escala que for, de modo a (tentar) imprimir uma (quase) superiorização<sup>5</sup> do ser humano em relação a ele mesmo e aos outros seres.

E, dentre muitos conceitos construídos ao longo dessa história, do que “é certo ou errado”, do que “pode ou não pode”, do que “é aceito ou não” por um determinado grupo, que o pensamento forjado pela Filosofia da Diferença cria o conceito de devir como uma arte da existência que rompe com as estruturas binárias e contrapostas, com as essências e as representações que nomeiam e classificam os seres num jogo de semelhanças, imitações e identificações evolutivas, pois o devir funciona como plano de imanência, como potencial de vidas que se fazem nas experimentações e principalmente o “devir não se faz na imaginação, [...] não produz outra coisa senão ele próprio. É uma falsa alternativa que nos faz dizer: ou imitamos, ou somos (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 18,19.).

Devir é um rizoma, não é uma árvore classificatória nem genealógica [...] não existem pontos ou posições [...] existem somente linhas [...] distingue-se absolutamente das raízes e radículas, [...] tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos. faz bulbo [...] evolui por hastes e fluxos subterrâneos, [...] analisa a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros. Uma língua não se fecha sobre si mesma senão em função de impotência (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 20).

Entendo assim que o devir não se reduz a imitar, identificar, nem produzir filiação, não conduz a “parecer”, nem “ser”, nem “equivaler”, nem “produzir”, é viver de modo autêntico e único. Logo, há que se pensar a vida afastada da idéia de perfeição, sem começo e fim, mas como meio, a exemplo de um rizoma, pois a existência não é binária, não é imóvel, pelo contrário, ela está em constante e ininterrupto movimento.

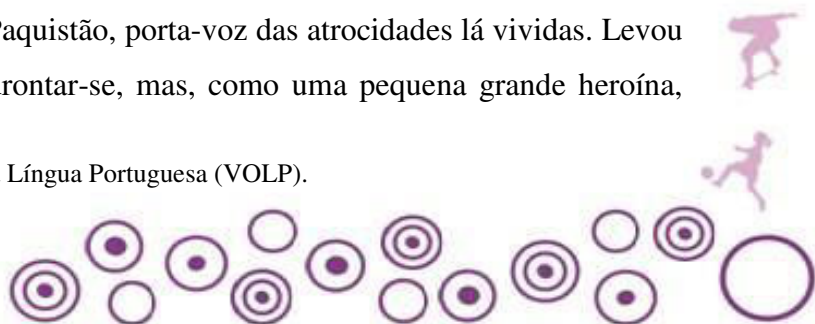
### **Malala, Anne Frank e Frida Kahlo: devir-mulher**


Remeto-me às histórias de Malala, Anne Frank e Frida Kahlo, para pensar em vidas que se fazem como possibilidades de potência, de força, de afecto nas suas próprias existências rizomáticas, ramificadas em meio às multiplicidades.

Malala, menina muçulmana que viu nascer e viveu sob a crueldade do regime talibã. Inconformada com tal situação de opressão, por encorajamento também de seu pai, foi à luta pelo direito a educação das meninas do Paquistão, porta-voz das atrocidades lá vividas. Levou um tiro na cabeça para calar-se e amedrontar-se, mas, como uma pequena grande heroína,

---

<sup>5</sup> Esta palavra consta no Vocabulo Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP).





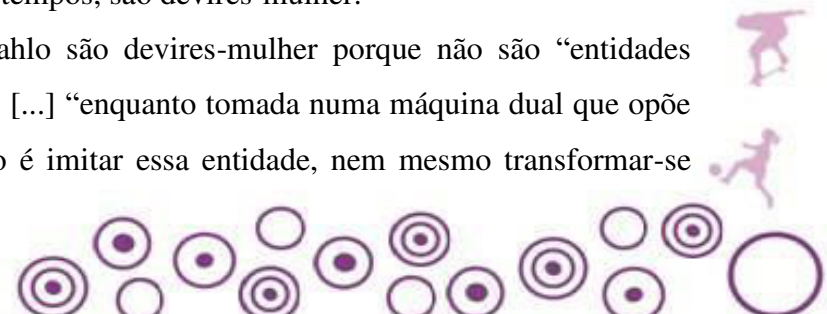
levantou-se mais forte e, aos dezesseis anos de idade, ganhou o Prêmio Nobel da Paz no ano de 2014. Esta é Malala, menina que hoje mora na Inglaterra, a frente da Fundação Malala, a qual luta pela educação das meninas mundo a fora.


Anne Frank, menina judia de origem alemã que viveu na época do holocausto. Esta se escondeu dos nazistas por dois anos no sótão de um sobrado juntamente com sua família e, durante todo esse tempo, escreveu um diário sobre tudo que lhe acontecia. Descoberto o esconderijo, a menina e as pessoas que estavam com ela, foram levadas para os campos de concentração e seus escritos guardados. Após certeza da morte da menina, entregaram todos os papéis ao pai da jovem, Otto Frank, o qual realizou, mais tarde, o desejo da filha; a publicação do livro com as memórias da guerra. Esta é Anne Frank, a menina revoltada, questionadora, apaixonada que se tornou pública após sua morte.

Frida Kahlo, jovem mexicana que teve uma vida repleta de percalços. Um dos mais marcantes fora quando tinha dezoito anos de idade, a mesma viajava com seu noivo e sofreram um grave acidente; uma barra de ferro literalmente atravessou a jovem ao meio, atingindo sua coluna vertebral. Esta ficou vários meses acamada em recuperação e é neste período que nasce a pintora, a artista plástica que viria a tornar-se, por incentivo de seu pai, o qual adaptou um espaço no teto do quarto da jovem para que a mesma pudesse desenvolver sua arte. Ela pintava-se a si própria, pois este era o assunto ela mais conhecia. Toda essa produção de autorretratos foi posteriormente o que constituiu grande parte de seu acervo. Após sua recuperação, conhece, casa-se com Diego Rivera e dá-se início a um dos mais amorosos e turbulentos romances da arte. Enfim, movida por uma grande paixão, a vida dessa jovem mescla-se entre o amor e a arte, vivendo momentos de grandes sofrimentos e outros tantos prazeres. Também foi muito reconhecida e premiada pelo seu trabalho artístico. Esta é Frida Kahlo, a jovem que experienciou a paixão, a entrega, a arte, o sofrimento, as traições do amor.

Conforme Deleuze e Guattari (2012, p. 41), [...] “cada indivíduo é uma multiplicidade infinita” [...], onde [...] “as coisas distinguem senão pela velocidade e a lentidão” e assim dão-se as vidas dessas três jovens-mulheres, cada uma é uma multiplicidade sem fim, “seres em fuga” (p. 64), seus “planos de imanência ou de univocidade, que se impõe à analogia” (p. 41), não imitam, não reproduzem, mas criam linhas de fuga de suas existências, não se deixando sufocar pela concepção do Uno em seus tempos, são devires-mulher.

Malala, Anne Frank e Frida Kahlo são devires-mulher porque não são “entidades molares” [...], ou seja, não são mulheres [...] “enquanto tomada numa máquina dual que opõe ao homem [...] ora, o devir-mulher não é imitar essa entidade, nem mesmo transformar-se





nela” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 71), elas, as três, em seus territórios são devires-mulher, tornam-se e não por oposição ao masculino, “mas por uma relação de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, por uma combinação de átomos, uma emissão de partículas: hecceidade” (p. 72).

Para Deleuze e Guattari (2012, p. 24), elas “são contos, ou narrativas e enunciados de devir” [...], “fazem rizoma em torno das raízes”, não sucumbem a uma sociedade masculina, branca, européia cada uma à sua multiplicidade, por exemplo, Malala devém-mulher diante do Talibã e suas imposições às meninas paquistanesas; Anne Frank devém-mulher em relação aos conflitos nazistas e, por eles, ter ficado restrita a um sobrado e posterior assassinato nos campo de concentração. Já Frida devém-mulher em relação a sua limitação física, pelo acidente sofrido enquanto jovem que tornou-se o começo de sua arte; emocional e amorosa, pelo romance conturbado vivido com Diego Rivera.

Contudo, não fora em oposição a tais fatos que as figuras femininas deste texto tornam-se mulheres, mas pelo “contagio”, pelo movimento que “não para de correr num corpo sem órgão” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 73), sem definição estrita do que seriam ou do que poderiam fazer nos agenciamentos, territórios por elas esvaídos em linhas de fuga através de suas escolhas; a vivência das situações, suas quebras e rupturas.

## Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. 2. ed. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 2.

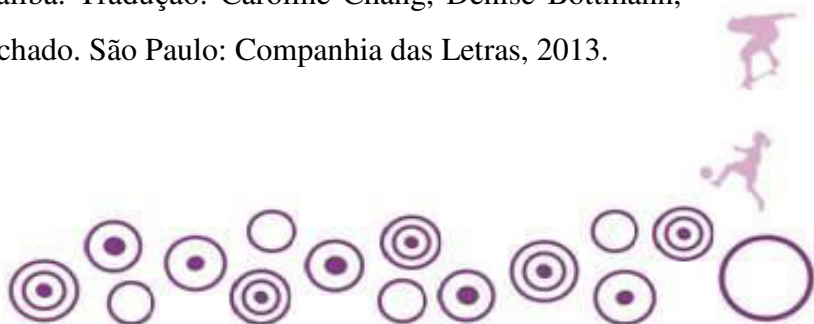
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. 2. ed. Tradução: Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 4.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank: edição integral**. 30. ed. Tradução de Ivanir Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2010.

KAHLO, Frida. **O diário de Frida Kahlo: um auto-retrato íntimo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

QUINTANA, Mario. **A vaca e o hipogrifo**. 4. ed. Porto Alegre: L&PM, 1983.

YOUSAFZAI, Malala. LAMB, Christina. **Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã**. Tradução: Caroline Chang, Denise Bottmann, George Schlesinger e Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.







UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

